

CONECTANDO COM CYDNO

CONNECTING WITH CYDNO

CONECTANDO COM CYDNO

Por: **AFONSO, ALCILIA¹**; **ARAÚJO, INGRID²**;

1. *Doutora em projetos arquitetônicos. Professora adjunta do CAU UAEC CTRN UFCG;
e-mail:kakiafonso@hotmail.com*

2. *Graduanda em arquitetura e urbanismo. CAU UAEC CTRN UFCG*

ENTREVISTADO: CYDNO RIBEIRO DA SILVEIRA.
ENTREVISTADOR(A): ALCILIA AFONSO E INGRID ARAÚJO
EDIÇÃO E REVISÃO DA ENTREVISTA: ALCILIA AFONSO
INFORMAÇÕES HISTÓRICAS: ALCILIA AFONSO

ROTEIRO: ALCÍLIA AFONSO, INGRID ARAÚJO, DANIEL JORGE, RÁVINA MEDEIROS, CATARINA DA SILVEIRA,
MIRELLY MARQUES, MARIA EDUARDA DANTAS E PAULA RODRIGUES.
TRANSCRIÇÃO: GABRIELA CABRAL, IALE RODRIGUES, INGRID ARAÚJO E JADSAMIA MEDEIROS.

DATA: 15 DE ABRIL DE 2023 ÀS 15H

CONECTANDO COM CYDNO



Maquete física produzida por Gilberto Antunes e Cydno da Silveira, fotografada por Cydno da Silveira.
Fonte: Pinterest

O grupo de pesquisa arquitetura e lugar/GRUPAL. UFCG vem há um tempo estudando a obra do arquiteto Cydno Ribeiro da Silveira, que nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 14 de setembro de 1940, e graduou-se arquiteto urbanista pela UNB/Universidade de Brasília (1962/1968). De família com origem paraibana, Cydno sempre esteve muito ligado à cidade do Rio de Janeiro, onde mantém seu escritório até hoje.

Seus primeiros projetos foram desenvolvidos em Brasília, no ano de 1967, quando ainda era estudante, como as Casa do Sr. Flavio B. Ramos; Casa do Sr. José Aloísio Telles Ribeiro; Loja Comercial Tele Técnica; A partir de 1968, projetou obras maiores como a Sede da Federação das Bandeirantes do Brasil (1968) e o Parque Nacional de Exposição e Feira Agropecuária de Brasília, já trabalhando nessa com o arquiteto Oscar Niemeyer.

Ainda no ano de 1968, iniciou estudos sobre Pesquisa Sobre Habitação Rural e Tecnologia do Pré Moldado Fibroso, desenvolvendo uma Experiência piloto, na área de tecnologias construtivas alternativas, que se dedicará sempre em paralelo a seus trabalhos mais convencionais e voltados para tipologias institucionais ou residenciais.

No final dos anos 60 e início da década de 70, trabalhou em vários projetos com Niemeyer desenvolvendo projetos para a Argélia, tais como o Centro Cívico de Argel (1972) e a "Cité D' Affaires"(1973). A partir do final dos anos 70, quando iniciou o projeto para a FIEP de Campina Grande, o arquiteto desenvolveu

algumas obras no Rio de Janeiro, sua cidade natal, e começou uma relação profissional em alguns lugares do nordeste, especificamente Campina Grande, na Paraíba, e Itamaracá, Pernambuco.

Na sua atuação na Paraíba, seja em Campina Grande ou João Pessoa, observou-se que a partir do projeto da FIEP, o mercado paraibano se abriu para o arquiteto. A maior parte das obras eram para públicas encomendadas pelo Governo estadual, sendo poucas para o setor privado.

Tivemos o prazer de entrevistar o arquiteto, que de uma forma simpática e descontraída, conversou conosco resgatando parte de sua trajetória e nos trazendo informações importantes sobre o edifício sede da FIEP/ Sede da Federação das Indústrias da Paraíba. Edifício Agostinho Velloso da Silveira, construído na cidade de Campina Grande/PB (1978-1983).

Através de seus depoimentos foi possível realizarmos a anamnese da obra para projeto de intervenção para conservação do belo edifício brutalista.

ENTREVISTA COM CIDNO DA SILVEIRA

ALCÍLIA AFONSO: Olá! Sou Alcília Afonso, arquiteta, professora da Universidade Federal de Campina Grande, coordenadora do Grupo de Pesquisa Arquitetura e Lugar (Grupal), e nesse período, no curso de arquitetura, estou lecionando a disciplina de Projeto de Arquitetura V, de intervenção em patrimônio edificado. E a gente escolheu como estudo de caso em uma das turmas o edifício da FIEP, que foi projetado por Cydno da Silveira, que está com a gente aqui hoje. Antes de tudo, Cydno da Silveira, boa tarde, e é um prazer ter você aqui com a gente.

CYDNO DA SILVEIRA: Obrigado.

ALCÍLIA AFONSO: Só contextualizando, Cydno Ribeiro da Silveira nasceu no Rio de Janeiro, em 14 de dezembro de 1940, e estudou arquitetura na UnB, se graduando em 1969. Os seus primeiros projetos foram feitos lá em Brasília, e ele teve a experiência de trabalhar com o grande mestre da escola carioca, o arquiteto Oscar Niemeyer. Cydno da Silveira, eu gostaria de começar, te perguntando o seguinte: Porque você optou em estudar arquitetura em Brasília, e não no Rio de Janeiro?

CYDNO DA SILVEIRA: Bom, acho que foi mais fácil entrar em Brasília, porque eu estava fazendo um curso de arquitetura aqui do Rio, mas eu não ia passar não, porque era muito vagabundo. Então quando abriu em Brasília, meus pais já moravam em Brasília, aí eu fui para lá, e fiz o

curso, entrei, passei, porque era uma prova bem mais fácil que a do Rio.

ALCÍLIA AFONSO: E o curso lá em Brasília era novo, né? Porque a UnB foi aberta em 1961. Não é isso?

CYDNO DA SILVEIRA: Era novo, com ótimos professores, é sensacional, muito moderno.

ALCÍLIA AFONSO: Quais foram os professores que mais te marcaram, na tua formação como arquiteto lá na UnB?

CYDNO DA SILVEIRA: tinham os professores muito novos que vieram do Rio Grande do Sul, São Paulo, Paraná, tudo que é lado. Bom, mas o professor Eduardo Graeff foi o “cara” que mais influenciou a gente, a cabeça da gente.

ALCÍLIA AFONSO: Você chegou a ter contato, em Brasília, com Lelé?

CYDNO DA SILVEIRA: Eu trabalhei muito com Lelé. Cheguei a trabalhar com ele quando ele passava um tempo no Rio, e usava o nosso escritório, então, eu tinha uma ligação muito próxima com ele.

ALCÍLIA AFONSO: E lá em Brasília, você chegou a estagiar em algum lugar como estudante?

CYDNO DA SILVEIRA: Olha, não sei se posso considerar estágio, mas eu trabalhei com Lelé,

logo que comecei a desenhar, eu trabalhava numa obra dele.

ALCÍLIA AFONSO: Você lembra que obra era essa?

CYDNO DA SILVEIRA: A que eu trabalhei era de uma superquadra, mas não me lembro qual era.

ALCÍLIA AFONSO: E com Oscar Niemeyer, qual foi o seu primeiro contato com ele?

CYDNO DA SILVEIRA: Ah, o contato com Niemeyer foi uma loucura porque eu o via sempre, mas era bem distante da gente lá no campus, então eu não tinha contato com ele, nós começamos, fomos a primeira turma do campus universitário da UnB, e o Oscar tinha lá o local que ele trabalhava, mas a gente mal via Oscar, ele entrava e saía, mas a gente não tinha intimidade com ele. Mas um dia, eu como fazia fotografia, e tinha um laboratório em casa que revelava o slide, numa época que o slide era revelado no Panamá, e levava quinze dias para voltar, e eu revelava em casa, né. E o pessoal da universidade sabia disso, então falaram para o Oscar, e ele ligou para mim.

Foi até muito engraçado, porque eu estava voltando de um chorinho, em uma sexta-feira, que a gente sempre fazia na sexta lá em Brasília, aí eu dormi tarde, dormi eram umas sete horas da manhã, aí Oscar liga pra mim, e eu não sabia quem era, aí ele ligou e disse “Cydno da Silveira, aqui é Oscar Niemeyer”, aí eu disse “Ah, vá pra [sic] que pariu, quem é que tá falando?”. Achei que era trote, achei que era algum amigo meu me sacaneando. Aí, ele disse “Não, é Oscar mesmo, quero falar com você”, aí eu disse “Ah, não [sic], cara”.

E aí, eu pensei, é o Oscar mesmo. Aí ele pediu esse trabalho para mim, que era um trabalho de fotografia de arquitetura, que ele tinha perdido todas as fotos, por conta de um livro de arquitetura de Brasília mesmo, que ele queria apresentar na Câmara dos deputados. Aí eu passei uns quinze dias fazendo, fiz direitinho, entreguei a ele e fui lá passar para ele, botei no projetor. Bom aí no final ele agradeceu e disse “Passa lá no escritório”, e eu disse “Tá bom”. E eu nunca passei. Aí teve uma reunião do auditório com Darcy Ribeiro, com várias pessoas falando e o Oscar estava junto, e ele começou a

apontar para mim, eu estava na porta do auditório, e disse que queria falar comigo, aí eu pensei, será que sou eu mesmo? Aí era eu.

Aí fiquei esperando-o, aí ele falou “Você sumiu, eu precisava falar com você, preciso de mais trabalho, mas você não cobra, assim eu não faço mais”. Aí fiz lá uma maquete que ele queria que eu fizesse, e fotografasse a maquete, e apresentasse para o Ministério do Exército da época, que estava sendo construído. Desse dia em diante, nós ficamos amigos, ele ficou muito íntimo meu, muito amigo, e fomos assim até o fim da vida.

ALCÍLIA AFONSO: Então quer dizer que você, além de arquitetura, também gostava de trabalhar com fotografia? E maquetes?

CYDNO DA SILVEIRA: Eu fazia tudo.

ALCÍLIA AFONSO: Você fotografava também, ou só revelava?

CYDNO DA SILVEIRA: Não, fotografava, revelava, era tudo.

ALCÍLIA AFONSO: E você tem esse acervo fotográfico pessoal?

CYDNO DA SILVEIRA: Tenho, tenho muita coisa.

ALCÍLIA AFONSO: Ah! Depois se puder disponibilizar algumas informações para a gente, porque a gente gosta muito, admira muito seu trabalho, e você tem uma produção incrível e que inspira muitas pessoas, por isso que é importante a gente se puder ter acesso, a desenhos e croquis. E desenhar, você gostava também de fazer croquis, esboços, como é o teu processo projetual?

CYDNO DA SILVEIRA: Olha, era difícil eu fazer croquis, porque eu fotografava. Por exemplo, mandava a gente em algum terreno fazer croqui do terreno ou fazer o croqui de uma reforma, aí eu fotografava e levava aquilo para casa e fazia o projeto em cima da fotografia, que era muito mais correto, né? Eu desenhava, mas não desenhava como Oscar Niemeyer, ou como meus companheiros de arquitetura, todos faziam croquis muito bem, menos eu. Eu não fazia.

ALCÍLIA AFONSO: Você era mais da fotografia. E maquete, você botava a mão na massa?

CYDNO DA SILVEIRA: Ah sim, direto, fiz quase todas as maquetes dos projetos que fiz, e também porque tive a oportunidade de trabalhar com Zanine por muito tempo e aprendi a fazer com ele.

ALCÍLIA AFONSO: Com quem?

CYDNO DA SILVEIRA: Zanine!

ALCÍLIA AFONSO: Ah, com Zanine! Eu conheci o Zanine. Que trabalhava muito madeira, conheci o Zanine em Brasília. Quando ele morava lá e o levei inclusive ao Piauí, para a gente fazer uma parceria de casas pré-fabricadas com materiais rústicos lá para o doutor Alberto Silva.

CYDNO DA SILVEIRA: Eu tinha brigado com ele essa época, porque eu também fui ao Piauí, mas eu não participei do projeto que ele queria, justamente porque eu já fazia taipa, já trabalhava com taipa desde a universidade.

ALCÍLIA AFONSO: Eu vi, inclusive em Pernambuco, você fez um trabalho também nessa área, não foi?

CYDNO DA SILVEIRA: Fiz, bastante já e acontece que o Zanine, queria pré-moldar a casa de taipa, eu fui contra porque a casa de taipa, culturalmente é feita através do próprio processo de criação: é diferente.

ALCÍLIA AFONSO: Mas foi bom porque vocês na época tiveram essa ponte? E o Zanine também é uma grande referência. Eu vou puxar agora, para questão da FIEP, para perguntar umas curiosidades desse projeto da FIEP. Como foi que se deu, o início dessa conversa para você projetar a sede da Federação das Indústrias do Estado da Paraíba?

CYDNO DA SILVEIRA: Bom, Agostinho Velloso, é meu primo. Mas eu não o conhecia, ele que me conhecia porque eu trabalhava com Oscar Niemeyer, e ele queria fazer um projeto bonito e queria que Oscar fizesse. Eu consultei o Oscar, mas ele estava na Argélia, aí ele falou: “não, não posso fazer não, que aqui na Argélia tá muito atrapalhado pra fazer um projeto aí no Brasil, vai, faz você mesmo.” Eu já tinha feito a cúpula do senado, a parte interna toda, quando eu era muito jovem, quando o Oscar me entregou. Está lá até hoje, os móveis, tudo, tudo. Tudo que foi

feito na época, está funcionando lá no senado federal. E aí Oscar tinha muita confiança em mim depois que levei bem lá o projeto, Oscar então me passou esse projeto aí: “se perguntarem você diz aí que eu disse pra você fazer”. Aí eu falei: “Agostinho, Oscar não vai fazer não”, mas aí ele disse: “Eu vou fazer um concurso”. Eu disse: “está, bem vamos fazer então, mas concurso, eu só entro se você pagar a todos os que vão entrar no concurso. Porque senão nós vamos trabalhar de graça, e aí quem ganhar, leva o prêmio.” Mas tinha esse negócio de trabalhar de graça, eu era contra na época, completamente contra eu não entrava mais em concurso, pois entrei em vários e perdi. E aí eu disse: “Isso lá na Paraíba, isso lá deve ter uma jogada enorme.” Eu sei que minha conversa morreu ali e eu disse: “eu não vou fazer é nada!”. Aí um dia o Agostinho entra no escritório lá em Copacabana e disse: “Ué rapaz, você não quer trabalhar, não é?” Ele bateu na porta e falou: “Polícia Federal!” Ele tinha mania.



Cydno em reunião com Oscar Niemeyer. Fonte: Afonso, 2022.

ALCÍLIA AFONSO: Foi bater lá no seu escritório.

CYDNO DA SILVEIRA: Isso, aí vocês já viram, me arrepiei né, porque tinha culpa no cartório e aí quando a polícia federal bateu, entrou aquele “cara” de terno que eu não conhecia, entrou outro “cara” de terno, ele é alto com a cara pesada, aí disse: “o senhor não quer trabalhar não, é?”, aquela coisa de paraibano, né? “Sim, eu quero, mas eu “tô” trabalhando né.” Aí ele disse: “não, o senhor não quer trabalhar, mandei o projeto para o senhor fazer, entrar no concurso, o senhor não entrou, entrou várias pessoas o senhor não entrou” Aí ele disse: “eu quero que o senhor entre!”.

ALCÍLIA AFONSO: Ah, quer dizer que ele fez o concurso, mas você não participou?

CYDNO DA SILVEIRA: Não, no começo não.

ALCÍLIA AFONSO: E esse concurso chegou a existir mesmo?

CYDNO DA SILVEIRA: Chegou, tem fotografia dele na FIEP.

ALCÍLIA AFONSO: Ah! A gente precisa saber dessa informação, a gente não sabia que tinha tido concurso antes!

CYDNO DA SILVEIRA: Foram feitas várias maquetes, tinha um arquiteto de Campina Grande que trabalhava por lá!

ALCÍLIA AFONSO: Geraldino Duda?

CYDNO DA SILVEIRA: Não, era um que fez aquele hotel.

ALCÍLIA AFONSO: O Hugo Marques?

CYDNO DA SILVEIRA: Não. É mais antigo, é 1987, imagino. Esse arquiteto participou do concurso, participou com uma menina que era aqui do Rio, mas ela tinha ligações com a Paraíba, que o pai dela era... Fleury?

ALCÍLIA AFONSO: Como se chama essa arquiteta que participou do concurso?

CYDNO DA SILVEIRA: Eu sei que o sobrenome era Fleury, mas não me lembro.

ALCÍLIA AFONSO: Cydno da Silveira e no teu escritório, você trabalhava com quem nessa época?

CYDNO DA SILVEIRA: Nessa época era Amélia, que era minha sócia e mais dois arquitetos que trabalhavam lá.

ALCÍLIA AFONSO: Amélia Gama?

CYDNO DA SILVEIRA: sim!

ALCÍLIA AFONSO: E tinha alguma outra arquiteta ou só ela?

CYDNO DA SILVEIRA: Nessa época era só ela.

ALCÍLIA AFONSO: Amélia Gama nasceu e estudou onde?

CYDNO DA SILVEIRA: Ela nasceu no Rio, ela é carioca.

ALCÍLIA AFONSO: Ela estudou também no Rio?

CYDNO DA SILVEIRA: Sim, nas Faculdades Integradas Bennett (1977).

ALCÍLIA AFONSO: E foi tua sócia quanto tempo?

CYDNO DA SILVEIRA: Foram muitos anos, muitos anos. Tem a Mônica que até hoje trabalha comigo.

ALCÍLIA AFONSO: Mônica de quê?

CYDNO DA SILVEIRA: Mônica Vertes.

ALCÍLIA AFONSO: E ela é carioca, Mônica Vertes?

CYDNO DA SILVEIRA: A Mônica é carioca.

ALCÍLIA AFONSO: E trabalha há quanto tempo contigo?

CYDNO DA SILVEIRA: Quarenta anos, quarenta e tantos anos.

ALCÍLIA AFONSO: Nossa, que legal! Você tem material, alguma foto, alguma coisa desse concurso da FIEP, como a gente pode conseguir?

CYDNO DA SILVEIRA: Olha, na FIEP tem, você vai conseguir. Na época que eu comecei a construir eu ia passar quase o mês todo em Campina Grande, na época da construção. Foi a construtora CICOL que ganhou o concurso e eu acompanhei a obra, muito preocupado, porque era um prédio que eu já tinha feito, criado ele com a Amélia né, e nós fizemos numa noite esse prédio e já saiu quase que pronto. Nós começamos com a maquete, fizemos uma pequenina, já com o paisagismo.

ALCÍLIA AFONSO: É essa maquete aqui que está em tela?



Cydno discutindo o projeto da FIEP. Fonte: Afonso, 2022.

CYDNO DA SILVEIRA: Não. Era bem pior que essa. Esse foi o maquetista do Oscar quem fez, que eu pedi para ele fazer. Foi a FIEP que pagou, porque uma dessa é muito cara, na época era muito dinheiro e eu não podia pagar. E aí esse maquetista fez, está vivo até hoje, faz maquete, mas a nossa era bem bonitinha pequenininha, mas dava uma forma direitinho.

ALCÍLIA AFONSO: Você tem foto dessa maquete?

CYDNO DA SILVEIRA: É possível que que tenha sim, mas o difícil é que nos meus arquivos é difícil de encontrar. É um inferno!

ALCÍLIA AFONSO: Não, mas tudo bem. É bom que a gente vai tendo pistas. E eu acho que tua obra dá até para fazer uma tese de doutorado, porque é muita informação, o negócio é ir aí depois no teu arquivo ter acesso a esse material.

CYDNO DA SILVEIRA: Eu convido você a vir para cá, entrar nele e estudar.

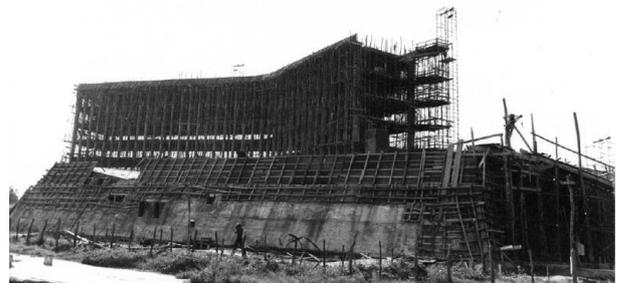
ALCÍLIA AFONSO: Quando eu for ao Rio com mais calma, vou marcar uma visita, tomar um café e conhecer o seu escritório, está certo?! Para a gente ver esses documentos, essas fotos e tudo mais. E eu até incentivo aqui aos alunos que estão caminhando para o final do curso quem sabe fazer um TCC, um mestrado, sobre a tua obra, que é muito importante. Agora eu vou passar pra Ingrid Araújo começar as perguntas, porque Cydno da Silveira tem muita conversa com você, você tem muita experiência e essa é a

primeira de uma série. Depois a gente pode até entrar mais em contato para continuar conversando nos dias que você tiver um tempinho.

CYDNO DA SILVEIRA: Eu te digo, porque eu falo tudo!

ALCÍLIA AFONSO: Ótimo, muito obrigada! Eu vou passar para Ingrid Araújo agora.

INGRID ARAÚJO: Vamos lá, Cydno da Silveira. Aqui as perguntas foram feitas, na verdade, por toda a turma, cada equipe quis perguntar alguma coisa. A gente separou umas questões aqui sobre a construção da FIEP.



Fotografia da construção. Fonte: PA5 CAU UFCG

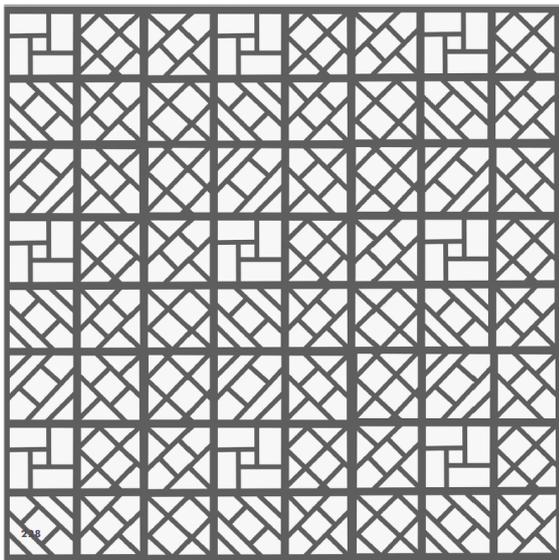
CYDNO DA SILVEIRA: Bom, vocês estão vendo nessa foto, os baldrames, as formas, como eram feitas quase com um pau de mangue. Eu fiquei muito preocupado, porque era uma obra de concreto aparente, que nós escolhemos para fazer, porque o concreto aparente era estrutural. Nós conversamos antes com o calculista perguntando se aquelas colunas davam para distribuir o esforço do prédio todo, aí ele deu a espessura, nós fizemos o prédio, esse aí que você está vendo com a amarração no meio, que ele pediu. Então, é quase que ele surgiu já da própria natureza dele.

E quando reformou o prédio, estava pronto, já com aquelas formas com concreto aparente, e isso aí barateou muito o custo do prédio. Eu tive que fazê-lo arredondado para caber no terreno, porque o terreno era torto. Só que aconteceu um imprevisto, que é bom vocês saberem, porque eu quando fiz esses brises aí, que já evitavam a entrada do Sol nas últimas salas, os brises são as colunas né?! E aí eu tive que consertar o prédio

para caber no terreno, porque o topógrafo... eu tive uma briga com topógrafo em Campina Grande terrível, quase todos os meus projetos eu tive problema com topografia. É terrível a topografia em Campina Grande.

Agora melhorou por causa da aparelhagem. Então, aí nós colocamos o prédio, o prédio não cabia lá e eu tive que ajeitar, dar uma torção mais nele para ele ficar lá. Aí nessas alturas, o sol começou a entrar nas últimas salas, e aí enfim... isso era um prédio, no começo, sem ar-condicionado, que eles me pediram, de modo que essa estrutura toda era limpa. Tudo isso aí dentro era divisória, não tinha parede não.

Então, atrás nós botamos um cobogó que era do Athos Bulcão, que era para entrar o vento pelas esquadrias e fazer uma ventilação cruzada com o outro lado, do lado de lá que dá para o José Pinheiro.



Redesenho do painel em cobogó de autoria de Athos Bulcão. Fonte: PA5 CAU UFCG

INGRID ARAÚJO: José Pinheiro, que é o bairro, não é?

CYDNO DA SILVEIRA: E outra coisa que você perguntou, teve o terreno, quem escolheu ele fui eu com o Agostinho Velloso. Eles não tinham um programa de necessidades definido. Não sabiam o que queriam e queriam fazer um projeto, olha só! Você imagina, eu acabei fazendo um programa para eles de salas e tive que conversar com o SESI, o SENAI, com cada um, cada diretor para fazer um programa de arquitetura.

INGRID ARAÚJO: Para entender o prédio como deveria ser. E O paisagismo, quem foi que trabalhou nessa parte?

CYDNO DA SILVEIRA: Olha, o paisagismo foi feito apenas na maquete que nós fizemos. Ficou igualzinho, nós botamos as árvores que a gente queria.

INGRID ARAÚJO: Mas não teve ninguém específico trabalhando na área?

CYDNO DA SILVEIRA: Não, não tinha, porque o seguinte: na época eles mal pagavam um projeto, você imagina... foi uma revolução esse prédio na cultura de Campina Grande, que inclusive nem paisagismo eles conheciam, porque não tinha nem paisagista aí, eu podia até levar, mas era caro. Eu levei o Athos Bulcão que era meu amigo. Levei ele, ficamos aí num hotel, fomos lá em Brennand para fazer os tijolos, como para fazer o painel dele, o piso dele, aquele piso ali de baixo é um desenho dele também. Então, é porque ele era artista plástico e caro, mas ninguém conhecia Athos Bulcão, nem queria saber dele.



Detalhe do painel de autoria de Athos Bulcão no jardim da sala da presidência. Fonte: PA5 CAU UFCG

O pessoal da indústria, eles eram muito fechados em relação a arte, então realmente esse prédio aí acho que fez a cabeça desse pessoal pronto porque ficou sendo um exemplo de arquitetura, esses espaços aí. E aí gente faz um lago, porque a gente é arquiteto, é medido em tudo, né?

INGRID ARAÚJO: Como foi trabalhar com ele? Vocês já tinham trabalhado juntos em outros projetos também ou esse foi o primeiro?

CYDNO DA SILVEIRA: Não, na época que eu fiz o Senado eu tinha o que? Trinta e um, trinta e dois anos, quando eu fiz o Senado Federal, o Bulcão trabalhou comigo, escolheu as cores, trabalhou comigo, dando pitacos. Mas éramos muito amigos, e ele foi meu professor. Foi uma época muito interessante, de explosão cultural, em música e tudo na época, em arquitetura, futebol, não faltava nada na época, tanto é que Chico Buarque e Caetano estão aí até hoje. Foi nessa época que de uma explosão cultural fantástica, e eu peguei carona nisso.

INGRID ARAÚJO: Além da Amélia Gama no projeto com o senhor, né? Teve mais alguma mulher presente nesse projeto ou foi só foi ela?

CYDNO DA SILVEIRA: Olha, desde o começo que eu abri o escritório em Copacabana, não tenho mais esse escritório, porque agora a gente trabalha pelo computador, eu trabalho aqui em casa, cada um levou o seu computador, levou para casa, e foi trabalhar em casa. Hoje em dia, só sobrou a Mônica que trabalha comigo, a Amélia está viva, ela foi pra Amazonas, trabalha há um tempo em Manaus, e somos amigos. Mas, Amélia é ótima, a excelente arquiteta, me ajudou muito nesse trabalho todo, a montar meu escritório. E sua melhor contribuição foi trazer para o escritório a arquiteta Mônica Vertis, que trabalha comigo até hoje. Ela é o meu braço direito e braço esquerdo.

INGRID ARAÚJO: Ela trabalhou também na FIEP?

CYDNO DA SILVEIRA: No finalzinho. Bem no final.

ALCÍLIA AFONSO: Eu gostaria que Cydno da Silveira falasse o porquê da adoção da linguagem brutalista, do uso do concreto bruto. Foi uma tendência que estava na época, foi uma opção? por escolher essa tectônica? Esse sistema construtivo?

CYDNO DA SILVEIRA: Olha, eu não imaginei que tivesse o nome brutalista, eu apenas fiz o projeto. Eu acho que teve muita influência de Oscar, e eu tinha chegado da Argélia, então eu trabalhei três anos com Oscar na Argélia, trabalhando muito

com concreto aparente, e lá fazíamos formas, trabalhando em arquitetura, mas com muito pouco. O Oscar Niemeyer usa muito com concreto aparente. Então eu já vim predisposto a fazer um projeto de concreto aparente.

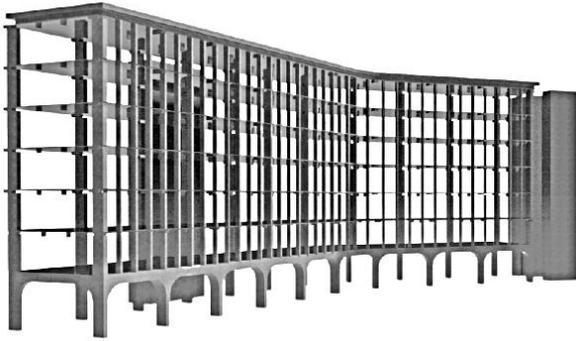
Quanto ao resto, o resultado dessas colunas, dessas vigas, é o resultado da própria engenharia. Ainda fomos quebrando os ângulos, fazendo arcadas, fomos melhorando, mas eu já tive vontade de fazer arcada, porque na época e eu fiquei muito impressionado com uma casinha que era do senador Raimundo Lira, a casinha dele que era uma cocheira que ficava lá em cima do morro, lá em Bodocongó, eram umas arcadas lindas.



Arcadas em concreto aparente do pavimento térreo.
Fonte: Alcilia Afonso. 2016.

Depois eu fui saber que não era casa dele, mas a cocheira. Eu achei lindo aquelas arcadas lá em cima do morro, aí resolvi fazer umas aí também. Foi isso, simples assim. Nada misterioso, não tinha nome, não tinha nada. Eu sei que saiu um projeto atemporal.

ALCÍLIA AFONSO: Algum engenheiro trabalhou na equipe? Vocês trocaram ideias sobre essa estrutura?



Maquete da estrutura. Fonte: PA5 CAU UFCG

CYDNO DA SILVEIRA: Muito, muito. O Josemar Rocha. Eu o conheci na Argélia, fazendo os prédios do Oscar lá. Ele me assessorou nesse projeto e me assessora até hoje, um grande amigo.

ALCÍLIA AFONSO: Ele é carioca?

CYDNO DA SILVEIRA: Ele é carioca.

ALCÍLIA AFONSO: Na adoção desse partido arquitetônico que vocês trabalharam, você e a Amélia, conversavam com o calculista? Como é que se deu o processo? Porque nesse edifício, se nota que forma e estrutura andam juntos.

CYDNO DA SILVEIRA: Isso.

ALCÍLIA AFONSO: A arquitetura é resultante da solução estrutural, porque ela é muito amostra, ela é muito presente nesse sistema construtivo. E esse partido, você discutiu com Josemar na origem e na concepção, ou só depois?

CYDNO DA SILVEIRA: Olha, nós escolhemos primeiro porque já era da nossa cultura, vamos dizer, trabalhando com Niemeyer, de fazer uma coisa coerente, um partido coerente da estrutura com a obra. De um modo que nós já tínhamos essa coisa aqui, trabalhar a estrutura primeiro, eu nunca trabalhei sem calculista, nem em casas, sempre peço ajuda deles, a gente troca favores. Uma mão lava a outra, então o arquiteto trabalha junto do calculista, é muito importante. Eu nunca tive problema com calculista, porque nós sempre trabalhamos juntos.

ALCÍLIA AFONSO: Exato. Isso é muito importante, sempre converso com os alunos nas aulas de teoria, tanto a modernidade quanto a contemporaneidade. A gente vê que os bons projetos, eles sempre mantêm esse diálogo,

desde o projeto até a construção. É fundamental a parceria.

CYDNO DA SILVEIRA: Eu acho que sim, um projeto só é coerente, se eu for coerente com a própria estrutura, e com o uso que ele vai ter também, os espaços, e principalmente para área externa. Esse prédio estava em uma área completamente alagada, não sei se você tem fotografia desta área em 1980.

ALCÍLIA AFONSO: Tenho não. Porque ela é a margem do canal, né?

CYDNO DA SILVEIRA: Era completamente alagado, isso aí era um outro lago. As casas que tinham aí eram palafitas até, tinha casa em cima d'água, então, era..

ALCÍLIA AFONSO: Alagadiça, era uma área alagadiça.

CYDNO DA SILVEIRA: Reclusa, e o pessoal ficou impressionado porque quando sai com o prefeito daí, que na época era o Enivaldo.

ALCÍLIA AFONSO: Certo, Enivaldo Ribeiro.

CYDNO DA SILVEIRA: Isso!! Era o Enivaldo. Eu saí com ele e Agostinho para escolher o terreno para fazer a FIEP porque eles ainda não tinham, olha só que loucura. Já estavam chamando as pessoas para trabalhar e não tinham nem terreno, quer dizer, era um desconhecimento completo sobre o andamento de um projeto, de uma concretização de um projeto. E eu que tinha chegado da Argélia que era meio parecido, era uma coisa bagunçada, muito bagunçada, eu me acostumei logo, e falei "Isso aqui é igual a Argélia". Ninguém entendia nada, ninguém entendia nada de nada.

ALCÍLIA AFONSO: O desenho do piso dos pilotis é do Athos Bulcão? Ele fez tipo um tapete com granizo.

CYDNO DA SILVEIRA: É, exatamente.

ALCÍLIA AFONSO: Ah, interessante. Porque a gente não tinha percebido isso na análise tectônica.

CYDNO DA SILVEIRA: Deixa-me falar uma coisa aqui importante para os arquitetos, eu sempre uso muito o artista plástico para a complementação de projetos. Quem me ajudou

muito desde o começo aí na Paraíba foi o Chico Pereira, pode conversar com ele sobre meus projetos que ele sabe tudo, me ajudou muito, porque ele tem muito conhecimento sobre a cultura paraibana e me ajudava muito, ele dizia: 'não faça isso não, rapaz, faça isso não porque o paraibano não vai gostar' e me ajudava muito.

ALCÍLIA AFONSO: Na sua relação com o lugar, não é? Com a cultura.

CYDNO DA SILVEIRA: Exatamente, a gente não pode fazer uma coisa e esquecer da cultura local. Eu transgredi, mas eu fiz uma coisa atemporanea, quer dizer, não tem relação com nada, eu tinha certeza de que ela podia ser introduzida em Campina Grande sem causar um impacto que não fosse bom.

Eu achei que era realmente uma joia que eu ia colocar aí, e o espaço que tinha, a vista não era entre dois terrenos, entre duas coisas, era um espaço aberto. Com vista para o açude que eu mantive e fiz esse projeto que não tinha muro, não tinha nada, não tinha cerca, eles não deixaram, mas eu fiz, integrado completamente ao Zé Pinheiro e as casas que nós compramos, eu obriguei a eles a pagar as casas direitinho, as casas que tinham lá.

ALCÍLIA AFONSO: A desapropriar?

CYDNO DA SILVEIRA: A desapropriar para que pudesse fazer a obra. Eu condicionei a fazer o projeto nesse terreno se ele desapropriasse pagando direitinho aquele pessoal lá.

ALCÍLIA AFONSO: E quanto às formas adotadas? Você trabalha com o volume do auditório tipo uma mastaba e concreto bruto, a lâmina curva que você explicou que distorceu para poder caber na implantação.



Volume do auditório. Fonte: Alcilia Afonso, 2016.

CYDNO DA SILVEIRA: É, já era curva, mas eu tive que mexer nele todo, não mexi na curva não, eu tive que mexer no projeto, empurrar ele para cá ele para lá, para poder caber no terreno.

ALCÍLIA AFONSO: Então, por isso ele ficou com essa forma curva?

CYDNO DA SILVEIRA: Não, não, ele já tinha essa forma curva, ele já nasceu assim porque o terreno era curvo e eu achei que caberia melhor, mas no ajuste para caber no terreno que era milimétrico, então eu tive que ajustar o prédio.

ALCÍLIA AFONSO: Sim.

CYDNO DA SILVEIRA: A forma já tinha sido criada assim, tanto é que não mexi na forma porque estava pronto o projeto e não podia mexer nessa forma, então, eu tive problemas incríveis pelo fato de ar-condicionado porque resolveram colocar aí, já foi "um pega pra capar danado", porque isso não era a ideia, era fazer salas abertas, era um escritório paisagem na época que era o que existia de mais novo. E algumas salas fechadas como a diretoria, vamos dizer assim, uma coisa mais fechada para reunião.

ALCÍLIA AFONSO: Inclusive, esses aparelhos de ar-condicionado que foram colocados posteriormente trouxeram problemas patológicos às fachadas, principalmente a posterior (fachada sul), que possui um pano de cobogós cerâmicos e que está com vários tubos, dutos de ar-condicionado, poluindo a fachada que possui um desenho original tão equilibrado.



Vista da fachada sul. Fonte: PA5 CAU UFCG

CYDNO DA SILVEIRA: Pois é, eu já dei uma bronca nisso não adiantou não, mas muito difícil. Me ajudem nessa briga, que entro também.

ALCÍLIA AFONSO: A gente vai colaborar, Cydno. E vamos te enviar tudo que nós produzimos, está bom?

CYDNO DA SILVEIRA: Ótimo.

INGRID ARAÚJO: A dúvida sobre a construtora que foi responsável pela obra, sabe o nome?

CYDNO DA SILVEIRA: CICOL, ela era do Rio Grande do Norte, ela tinha um engenheiro muito bom, que chamava Ricardo, e esse engenheiro foi fantástico, ele e o Penha que era o mestre de obras, um mestre de obras fantástico, poucas vezes na Argélia tivemos bons mestres de obras lá. Alguns brasileiros foram para lá, mas nunca tinha encontrado alguém tão bom como o Penha, bom de mão -de- obra, bom de acabamento, bom de tudo. Com um bom mestre e um bom engenheiro sua obra vai embora.

INGRID ARAÚJO: Sobre a questão com o Oscar Niemeyer, sobre ter a oportunidade de trabalhar com ele, influenciou na questão de como foi a forma, de como foi todo esse projeto, se você conversou com ele sobre como que iria tomar esse projeto?

CYDNO DA SILVEIRA: Olha vou te contar, o Oscar ele foi muito mais amigo do que arquiteto comigo, e ele me entregava tudo, eu trabalhava

com 30 arquitetos argelinos, franceses e italianos lá na Argélia, eu trabalhava com muito arquiteto e era difícil conversar com eles sobre a obra do Oscar porque eles não tinham ideia, né? Então, eu tinha que entregar isso tudo muito mastigado para que pudesse ser feito lá na época os projetos do Oscar. Mas, o Oscar é claro, quem convive com ele é impossível não ter a influência dele política, questões religiosas, tudo o Oscar me influenciou muito, então ele era muito bom, ele não queria convencer ninguém mas conversava de um jeito franco.

Eu por exemplo, conheci vários comunistas e eu nunca conheci um comunista ruim, então para mim era um horror aquele negócio de comunista que come criancinhas e que na época houve isso, e expulsaram o Oscar, expulsaram Darcy Ribeiro, João Goulart, enfim. Eu trabalhei com Darcy Ribeiro no gabinete dele, é uma pessoa fantástica, quer dizer, a influência do Oscar não foi só na arquitetura, mas no jeito dele livre de produzir as coisas, as coisas são muito naturais, vem porque vem e você vai fazendo as formas, por exemplo, esse telhado aí é claro que eu trabalhei nele, podia ter sido reto, não, nós fomos formalizando-o, fazendo uns dentes para ficar uma coisa mais livre. Mais solta.

Enfim, eu acho que nasce dos problemas dele, eu costumo dizer muito, e eu acho importante para vocês, que são professores, que a arquitetura nasce dos problemas, se você não tiver problema não tem arquitetura. Uma vez um rapaz foi lá no Oscar, e pediu: "Oscar você faz uma casa pra mim?", Oscar disse: "É claro que faço, cara" e o cara bateu papo, bateu papo e foi embora. Aí voltou e estava querendo a casa dele, você não falou nada, onde é que é, se o terreno é inclinado, se não é, se o sol bate onde, se tem vista, se não tem, então você vai, o projeto nasce dos problemas, vai ter cachorro, não vai, você tem sombra, não tem, tudo isso aí importa no projeto, já tem filhos? Não, mas vai ter. Então nós vamos rever aqui os filhos, né?

Eu acho que qualquer projeto, esse projeto mesmo eu fiz, eu não sei se ainda tem, eu tinha, na minha papelada de mudança de escritório perdi muita coisa, quando eu vim do escritório em Copacabana aqui para casa, eu botei tudo num armário ali dentro, está tudo lá até hoje, mas eu tinha as perguntas que eu fiz a funcionário, a

garçom, a quem limpava, 'onde é que vocês ficam aqui? Vocês têm uma sala para comer?', não tinha nada disso, né, então nós fazíamos, o motorista não tinha lugar de motorista. Eu estou vendo essa coisa aí, eu fiz o lugar deles com uma sala para eles, com televisão para eles descansarem, com telefone para quando precisar.

Tudo saiu de problemas que eles mesmos criavam. Porque o Agostinho não tinha programa, me sentia no direito de fazer essas coisas. E aí os outros arquitetos que entraram na concorrência, eu cedi esse material para eles fazerem o projeto deles da mesma forma que eu fiz, o auditório, que fiz separado, podia ser dentro, mas preferi fora.

INGRID ARAÚJO: Só sobre essa questão da funcionalidade dos espaços, porque eu acho que encaixa até nessa próxima pergunta que eu estava pensando, que é, como é que foi projetado anteriormente assim para poder ter as possíveis mudanças no layout. Foi pensando a planta livre para que pudesse ter essa mudança, se precisasse, ou sobre a funcionalidade de cada andar também, o que você pode dizer?

CYDNO DA SILVEIRA: Olha, eu aprendi esse modo de posição em Brasília, porque o Oscar também não tinha programa de nada. Ele tinha que fazer uma estrutura ali de fazer divisória dentro porque os ministérios são todos assim e está lá funcionando, muda a sala, muda isso muda aquilo, mas está lá, pode mexer, mudar as divisórias, mas todo mundo que entra quer mexer.

INGRID ARAÚJO: Sim, você falou anteriormente que não havia um programa de necessidades.

CYDNO DA SILVEIRA: Não, tinha, mas eu tinha que saber para saber as áreas de cada coisa, somava as áreas e deixava a área livre, pra poder fazer antes, botava o banheiro que era um lugar importante, fixo, para descer as colunas, as colunas d'água e a caixa d'água, e vai por aí afora. Mas o projeto foi muito simples, nós fizemos, já foi pronto, nós acabamos a maquete e já estávamos entregando o projeto.

INGRID ARAÚJO: Sobre a questão do projeto inicial, o senhor sabe dizer se houve alguma mudança muito brusca? Ou o projeto inicial foi o que é agora?

CYDNO DA SILVEIRA: Eu não sei se essas pequenas modificações que a Alcília chamou atenção deles não modificaram nada, desde o começo foi feito, pouca coisa assim, mudaram o auditório, essas porcarias porque o Agostinho Velloso era mais ciente, de manter o projeto no estado natural dele. O Buega ajudou bastante, mas ele sempre metia a filha dele, que é arquiteta, tinha parentes construtores, então ele chegou a interferir bastante. Eu agora estou trabalhando no projeto lá em Sousa, fazendo uma escola de referência para o Sesi. Então, ele questionou meu amigo e arrumou o projeto para mim e fazia muito tempo que não entregaram um projeto para mim, foi susto, né?

INGRID ARAÚJO: Sobre a ocupação da área...

CYDNO DA SILVEIRA: Nós fomos primeiro, lá naquele, como é o nome daquele bairro, o bairro do shopping?

ALCÍLIA AFONSO: Catolé!

CYDNO DA SILVEIRA: Exatamente, tinha um terreno no Catolé, vazio, mas eu não gostei e era bonito, era um terreno comum, em frente para estrada, tinha outro terreno que se eu não me engano era ali onde entrava ali na rua que tem restaurantes, aquela rua que sobe, vai lá pra...

ALCÍLIA AFONSO: Jardim Tavares!

CYDNO DA SILVEIRA: É. Exatamente.

INGRID ARAÚJO: Bom que a professora já sabe todos os lugares!

ALCÍLIA AFONSO: Ele vai falando e eu vou localizando aqui no meu mapa mental.

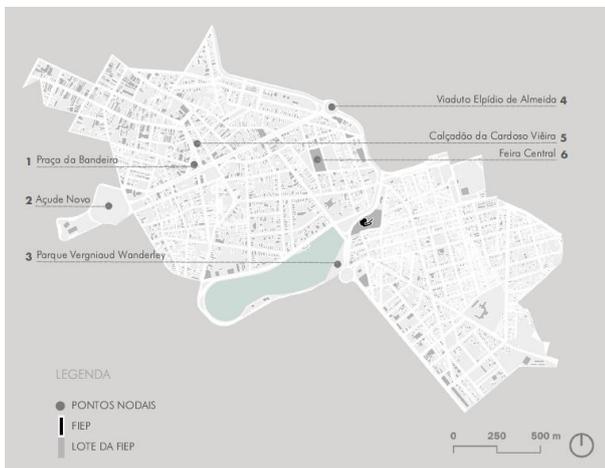
CYDNO DA SILVEIRA: Mas aí eu me enamorei logo nesse aí, no começo que eles me ofereceram logo cedo, mas que tinha problema de invasão, sérias, mas eu disse que esse terreno aqui vai modificar a cidade, ele vai modificar esses barracos todos aí, essas casinhas vão todas melhorar, todas essas pessoas vão vender as casas e ninguém vai suportar o peso das ofertas. E a cidade vai modificar por causa desse prédio.

Eles me fizeram até botar um muro para o lado de trás, não fui eu que botei. Aquele muro para trás não era total, era só na garagem que tinha um muro e era incompleto né, e tinha ligação.

Enfim, ficou como se fosse uma obstrução com José Pinheiro.

Não completou essa integração, mesmo assim, as casinhas melhoraram muito, embora quem vendeu as casas, ajudou muito aquela turma do lado porque a FIEP entrando ali, valorizou tudo em volta.

INGRID ARAÚJO: Ainda assim tem uma grande diferença mesmo quando a gente olha, e deu um uma melhorada mesmo nessa questão. Até porque é uma dúvida que me surgiu: o senhor pensou que seria uma área tão valorizada hoje? Porque naquela época eu não sei se era tão valorizado como é hoje, o Açude Velho, que hoje é praticamente um cartão postal, não sei se era naquela época.

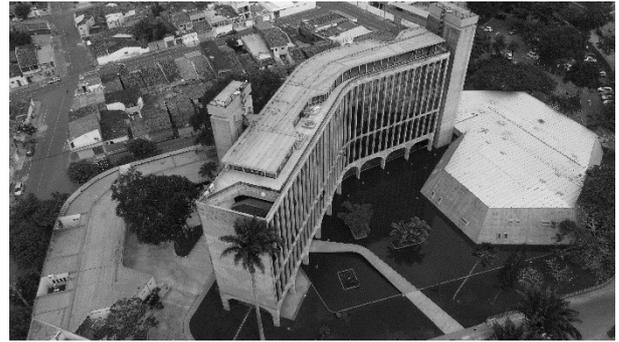


Mapa de localização da FIEP. Fonte: PA5 CAU UFCG

CYDNO DA SILVEIRA: Não. Não era.

INGRID ARAÚJO: Não pensou que seria dessa forma?

CYDNO DA SILVEIRA: Não, sabe que teve um projeto da câmara dos vereadores que queriam aterrar o Açude Velho? Para a prefeitura ganhar dinheiro com terreno. A FIEP modificou a cabeça dessa turma toda. Muito difícil trabalhar aí porque era um pessoal difícil, João Pessoa era bem melhor. Mas Campina Grande sempre foi muito atolada nesse negócio. Mas eu tenho certeza de que isso tudo mudou, e que Campina Grande cresceu culturalmente. Foi muito importante mesmo.



Vista aérea da FIEP captada por drones. Fonte: PA5 CAU UFCG

ALCÍLIA AFONSO: Na questão da conservação, talvez fosse interessante para evitar descaracterização do projeto, da obra, o tombamento do edifício como patrimônio. Porque hoje, ele tem toda uma simbologia, ele é um monumento, eu acho que ele é um dos principais cartões postais da cidade. E talvez a forma de o proteger, reservar a sua arquitetura, sua tectônica, seus elementos seria tombá-lo. O que você pensa disso como forma de proteção?

CYDNO DA SILVEIRA: Eu acho ótimo. Já trabalhei em vários tombamentos, seria muito bom para a cidade, já era hora. Eu agradeço até vocês a trabalharem nisso porque é tão importante.

ALCÍLIA AFONSO: Você concorda que a gente possa pleitear o tombamento dele?

CYDNO DA SILVEIRA: Assino embaixo.

ALCÍLIA AFONSO: Porque eu acho que a gente poderia, no final da disciplina, encaminhar ao IPHAEP uma solicitação com o seu aval, Cydno da Silveira, se você concordar. A gente faz uma carta manifesto, solicitando o tombamento dele enquanto monumento da arquitetura paraibana, porque eu acho que ele tem uma importância em nível estadual por ser a sede da federação das indústrias, não é?

CYDNO DA SILVEIRA: Brasileiro, porque influencia todos os outros projetos da federação, esse daí foi sempre muito elogiado, e as pessoas iam visitar, e ficavam impressionadas pela sede não ser na capital. Eu não sei se vocês sabem, mas fiz um projeto, para João Pessoa, da filial da FIEP. É um que eu fiz, que é "pendurado".

ALCÍLIA AFONSO: Ele foi construído?

CYDNO DA SILVEIRA: Foi construído, está lá. Mas sabe o que aconteceu? Eu fiz de três andares, e embaixo era pilotis. Aí o Agostinho Veloso disse “Não, não quero uma coisa bonita, se não essa aqui vai virar a FIEP de João Pessoa” Olha que cara de pau. Aí, eu fiz um projeto, aterrei o auditório, deixei ele mais discreto, mas é um prédio muito bonito.



Filial da FIEP em João Pessoa. Domínio público.

ALCÍLIA AFONSO: De que ano é?

CYDNO DA SILVEIRA: Devo ter uns dez anos. Dez, quinze anos.

ALCÍLIA AFONSO: Depois a gente pode ter acesso a esse material?

CYDNO DA SILVEIRA: Sim, e vale à pena porque o projeto que eu reformei na escola, fiz uma maquiagem nela bacana, botei brises nas salas de aula, e fiz esse prédio, que é o da FIEP solto dessa massa, então ficou um bloco muito bonito, que teria ficado muito mais bonito se tivesse pilotis. Era só umas arcadas e penduradas as lajes, eu tenho a fotografia dessa laje solta.

ALCÍLIA AFONSO: Eu acho que nós encerramos as questões referente à sede da FIEP em Campina Grande, e quero em nome da turma agradecer imensamente por esse bate papo, que com certeza vai enriquecer demais o nosso trabalho e de demais pessoas que desejem conhecer mais um pouco de sua trajetória. Muito obrigado.